

Castros do concelho de Boticas

POR

Avelino Alves Miranda Júnior *
Joaquim Norberto dos Santos **
Joaquim R. dos Santos Júnior ***

O concelho de Boticas ⁽¹⁾ tem uma área de 326,40 km² distribuídos por 16 freguesias.

Na área do concelho contam-se 24 castros lusitano-romanos ⁽²⁾, ou pelo menos tidos como tais, a maioria dos quais está implantada em cabeços ao longo, e de um e outro lado,

* Rua 5 de Outubro, 7 — 5460 Boticas.

** Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

*** Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

(1) Boticas é vila sede de concelho do distrito de Vila Real e província de Trás-os-Montes. Confina pelo norte com o concelho de Montalegre; pelo sul com os concelhos de Cabeceiras de Basto, Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar; e a leste com o de Chaves. Boticas fica 24 Km a sudeste de Chaves.

(2) É corrente e empregada no sentido geral esta designação de castros lusitano romanos, porquanto a maioria dos nossos castros foi romanizada. No entanto alguns castros apresentam vestígios de épocas sucessivas desde o neolítico até às invasões romanas. E há-os em que não se encontram pedaços maiores ou menores de tégula, a telha de rebordo, que é considerada como segura indicação de que o castro foi romanizado. É ampla a cronologia dos nossos Castros. Alguns remontam a épocas longínquas, pré-histórica, e não ultrapassam os primeiros tempos da Idade do Bronze.

do rio Terva, que corre a meio do vale chamado a *Ribeira* (Fig. 1).

Os 24 castros do concelho de Boticas atestam a expansão da cultura castreja na área do concelho.

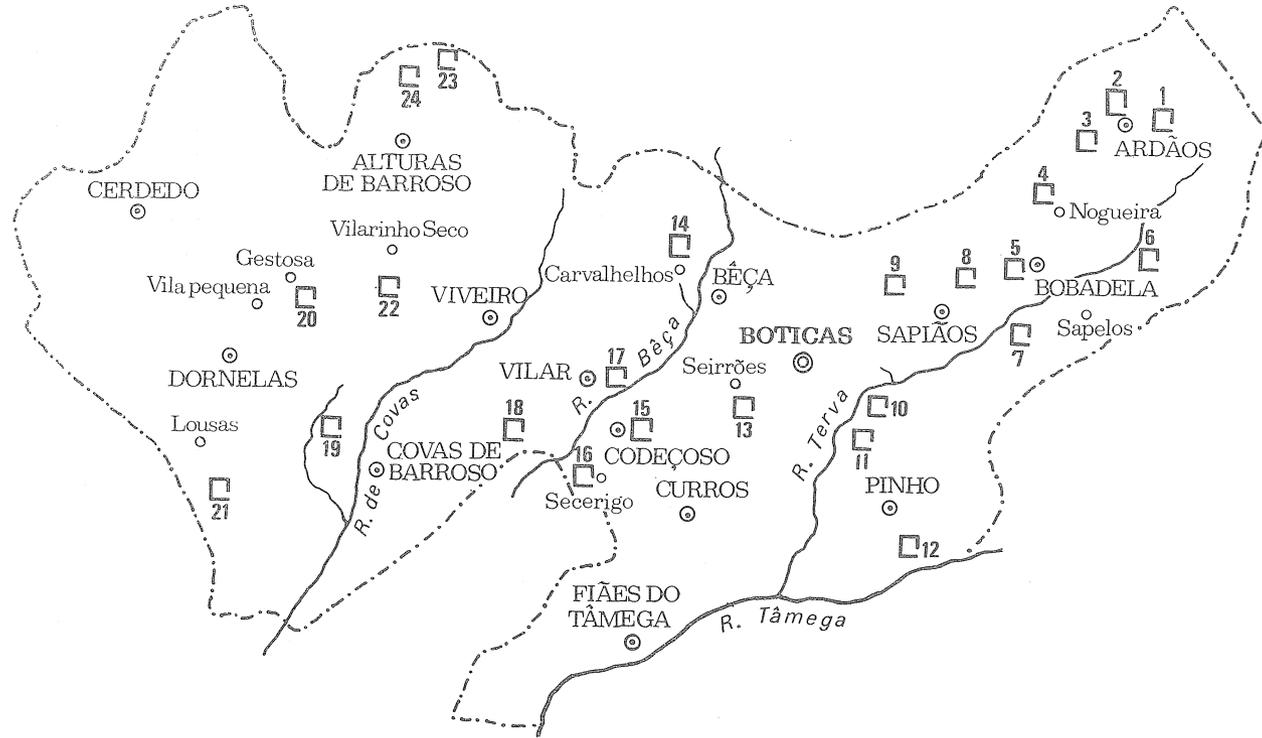
A Idade do Ferro no nordeste peninsular, Galiza e norte de Portugal, é caracterizada pela chamada *cultura castreja*, assim designada por os castros serem o seu elemento mais significativo. O âmbito geográfico da *cultura castreja* abrange a actual Galiza, sendo o seu limite pelo nascente o rio Návía, e o norte de Portugal até ao rio Douro, ou, um pouco mais a sul, até Águeda. Dos castros são muitos os seus nomes vulgares.

Castro crasto, e *castelo dos mouros* são, seguramente, as três designações mais frequentes. *Citânia* é o chamamento geral para os castros de grandes dimensões. Mas há muitos nomes populares, a saber: *casal dos mouros*, *casalico*, *casalinhãs*, *casarelhos*, *casicas*, *casildro*, *casinhas*, *castelar*, *castelo dos mouros*, *castelejo*, *casteleijão*, *casteloso*, *castelinho*, *castiêlho*, *castilejo*, *castilhão*, *castragosa*, *castralheira* ou *castralheiras*, *castralhouco*, *castrelinhos*, *castrelos*, *castrelhão*, *castro*, *castrilhão*, *castrilhouço*, *castrobuço*, *cêrca dos mouros*, *cidade*, *cida-delha*, *cidadonha*, *cigadonha*, *ciranelha*, *cividade*, *couto dos mouros*, *coroa*, *crestelo* ou *crestelos*, *criselo*, *crestim*, *escantra-lhouços*, *feira dos mouros*, *murada*, *muradal*, *muro*, *paredêlhas* e *toural dos mouros*.

Os castros foram remotas povoações assentes em montes ou cabeços, mais ou menos altos, quase sempre junto ou na proximidade dum rio, ou ribeiro, e muitas vezes na confluência de cursos de água. Assim sucede por ex. no castro do Mouril em termo da freguesia de Pinho, concelho de Boticas, que fica na confluência da Ribeira de Sampaio com o rio Tâmega.

Um castro é, na sua essência, um recinto muralhado assente quase sempre no topo dum cabeço com naturais condições de defesa, reforçando a sua posição estratégica com vários sistemas defensivos. Uma ou mais fiadas de muralhas (o castro

CONCELHO DE BOTICAS



CASTROS DO CONCELHO DE BOTICAS

Fig. 1 — Carta da distribuição dos castros do concelho de Boticas.

Nomes dos Castros e povoação próxima 1: Cunhas-Ardãos; 2: Gorda, id.; 3: Malhó ou Amalhó id.; 4: Nogueira, id.; 5: Brejo-Bobadela; 6: Muro ou Cêrca-Sapelos; 7: Sapelos id.; 8: Muro-Sapiãos; 9: Cabêço-Granja; 10: Couto dos Mouros-Boticas; 11: Outeiro do Pardo-Boticas; 12: Mouril-Pinho; 13: Torre-Seírrões; 14: Carvalhelhos-Carvalhelhos; 15: Poio ou Naia-Codeçoso; 16: Castro-Secerigo; 17: Vilar-Vilar; 18: Lezenho-Campos; 19: Poio-Covas; 20: Lamas-Gestosa; 21: Ervas Ruivas-Lousas; 22: Mena ou Couto dos Mouros-Vilarinho Seco; 23: Castelo de S. Romão-Alturas de Barroso; 24: Cornos das Alturas-Alturas de Barroso.

de *Gestosa-a-Dornelas*, chamado *Castro do Souto de Lamas* tem três); um ou mais fossos: (o castro de *Carvalhelhos* tem 3 fossos, com funduras que em alguns atingem 7 e 8 metros); terraplenos e antecastros, e, por vezes, um ouriçado de *pedras fincadas*, que muito dificultaria a marcha quer do homem quer dos cavalos.

No castro de *Carvalhelhos* há ainda pedaços de *pedras fincadas* a bordejar o terceiro fosso e restos de *pedras fincadas* na crista de separação dos dois fossos da encosta poente.

As habitações castrejas apresentam vários tipos de planta: circular, sub-circular, oval e rectangular.

Em algumas destas habitações aparecem bancos corridos, lareiras, fornos e pavimentos.

Quanto à distribuição das habitações verificam-se às vezes agrupamentos de casas configurando bairros. Assim sucede por ex. no *Castro da Curalha* (concelho de *Chaves*), onde, a meio do recinto muralhado, há uma fiada de 7 casas, de paredes meeiras, fiada que deve indicar um arruamento que ainda não houve ensejo de escavar. Também no *Castro da Curalha* (¹),

(¹) O *Castro da Curalha* fica no alto de um cabeço e uns 800 m a sul da aldeia da *Curalha* e sobranceiro ao *Rio Tâmega* que lhe corre pelo nascente.

Este castro, pelas 8 campanhas de escavações que há anos ali se têm feito, tem mostrado vários aspectos de assinalado interesse arqueológico. A *Câmara Municipal de Chaves* tem acompanhado com interesse os trabalhos que ali tem sido realizados e parcialmente subsidiado os mesmos, bem como a publicação dos relatórios anuais dos serviços ali feitos.

Ao ilustre Presidente da *Câmara*, Sr. Eng. Branco Teixeira e ao Sr. João Baptista Martins, vereador do *Pelouro Cultural*, são devidos agradecimentos, que mais uma vez lhes testemunhamos. Os trabalhos até agora publicados foram os seguintes; *Castro de Curalha—1.ª Campanha de escavações*. 1974, por P.º Adolfo Augusto Magalhães, Francisco Gonçalves Carneiro Júnior e Adérito Medeiros Freitas, Braga, 1973, 20 págs. e 17 figs. *O Castro de Curalha—2.ª e 3.ª Campanhas de escavações—1975 e 1976*, por P.º Adolfo Magalhães, Dr. Adérito Medeiros Freitas e Prof. J. R. dos Santos Júnior, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia»,

a um e outro lado da porta aberta a nascente, há fiadas de casas entestadas à muralha, com paredes meeiras, e das quais a muralha desempenha o papel de parede fundeira.

As manifestações artísticas castrejas são essencialmente de dois tipos: decorativo e em esculturas.

A decoração arquitectónica é à base de triscelos, espirais entrelaçadas, encordoadas, etc., e bem assim as notáveis pedras formosas.

As esculturas são de dois tipos: antropomorfos, *guerreiros lusitanos*, e zoomorfos, *berrões*.

No mundo material castrejo é deveras notável a ourivesaria, bem definida pelos numerosos achados de jóias de ouro e de prata, braceletes, arrecadas, torques (o torques em filigrana de ouro, do castro do cabeço de N.^a Senhora da Assunção — Vila Flor ⁽¹⁾, é, sem dúvida, a mais bela das jóias dos nossos castros), arrecadas, diademas e fíbulas. No Museu da Região Flaviense, em Chaves, há porções de duas fíbulas de prata ⁽²⁾.

O material castrejo mais abundante, quer à superfície quer achado em escavações, é a cerâmica, predominantemente micá-

Fasc. I, vol. 23, Porto, pág. 19-40, 13 desenhos e 19 fotografuras; O *Castro da Curalha* — 4.^a Campanha de escavações — 1977, por id., id., id., in id., Fasc. I, vol. 24, Porto, 1981, pág. 59-86, 10 desenhos e 27 fotografuras. O *Castro da Curalha* — 7.^a Campanha de escavações — 1981, por Dr. Adérito M. Freitas e Prof. J. dos Santos Júnior, in id., Fasc. II, vol. 24, Porto 1982, págs. 265-291, 4 desenhos e 20 fotografuras. Está em publicação a 8.^a campanha e a decorrer a 9.^a campanha.

(1) Este bellissimo torques foi adquirido pelo Museu Etnológico de Belém (Lisboa). O *Torques de Ouro de Vilas Boas (Vila Flor)*, in «Revista de Guimarães», por J. R. Santos Júnior & Osvaldo S. Freire, Fasc. 1-4, vol. 75, Barcelos, 1965, 20 págs. e 4 figs.

(2) *As fíbulas de prata do Museu de Chaves*, por J. R. dos Santos Júnior, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Fasc. 4, vol. 24, Porto, 1980, pág. 599-607, 1 desenho e 2 fotografuras.

cea, numa grande variedade de vasos, de tamanho e formato diversos.

A cerâmica com múltiplos temas decorativos: círculos simples ou concêntricos, linhas simples horizontais, oblíquas ou angulares, etc. Predominam as técnicas de incisão e de impressão.

A economia dos castrejos baseava-se especialmente na ganaderia, cabras, ovelhas e porcos e na cultura de cereais, trigo, centeio, fava e painço ou milho miudo.

Neste capítulo teve grande importância económica a mineração.

A do estanho confirmada pelas escórias que se têm achado em alguns castros, de que o Castro de Carvalhelhos é exemplo típico.

Algumas amostras das escórias colhidas neste castro por um de nós (S. J.) foram estudados por dois Professores universitários. O Prof. Eng.º A. Herculano de Carvalho, que foi Director do Laboratório de Análises do Instituto Superior Técnico de Lisboa e Reitor da Universidade Técnica da mesma cidade e pelo Eng.º Horácio Maia e Costa, Prof. Catedrático da Faculdade de Engenharia do Porto e que foi Vice-Reitor da Universidade do Porto.

Este último, no trabalho *Notas sobre as escórias encontradas no Castro de Carvalhelhos*, publicado nos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, vol. XX, Porto 1965-1966, págs. 173 a 198, 7 Figs., demonstrou que tais escórias resultaram da metalurgia do estanho, facto que já tinha sido apontado, como hipótese, pelo Prof. Herculano de Carvalho.

O Prof. Eng.º Maia e Costa, no citado e modelar trabalho, em face da análise química e do estudo macroscópico e microscópico a que procedeu, concluiu:

a) que o fundente utilizado no tratamento do minério de estanho (cassiterite) foi o óxido de ferro (hematite ou limonite);

b) que o estudo das escórias compactas revelava terem sido atingidas temperaturas superiores a 1300 graus.

Estes factos, e especialmente o último, demonstram claramente terem os castrejos de Carvalhelhos atingido notáveis conhecimentos do mecanismo da redução e fusão da cassiterite (Sn O_2), muito apreciado minério de estanho. Mas os notáveis e perfeitos conhecimentos da metalurgia dos castrejos são também confirmados pelos objectos de bronze e pelas jóias de prata e de ouro, algumas delas executadas em filigrana e enfeitadas com pequeninos grânulos esferoidais.

As considerações que acabamos de fazer são confirmadas pelos instrumentos de trabalho achados nos castros: moinhos manuais, cadinhos, moldes, pias, pondus, fusoíolas, etc. e também pelas fontes literárias gregas e romanas.

Os povoados castrejos podem considerar-se como a expressão topográfica ou geográfico-cultural de um estilo de vida que durou pelo menos 1000 anos, desde o século VII ou VIII a.C. até ao século II-III depois de Cristo. Teve o seu apogeu na II Idade do Ferro (Post-Halstático), nos 3 séculos antes de Cristo e nos primeiros da nossa era.

Nos castros como escreveu o Prof. Mendes Correia ⁽¹⁾ floresceu «uma cultura indígena primitiva que antes foi também mais ou menos celtizada».

No trabalho *O Castro de Carvalhelhos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Soc. Portuguesa de Antrop. e Etnologia, Vol. XVI, Porto, 1958, págs. 25 a 62, e 29 Figs., na pág. 29 escrevemos (S. J.) o que segue.

«As sociedades indígenas castrejas, primeiro celtizadas, a seguir romanizadas e depois cristianizadas, constituíram a base estreme em que entroncou sólida e firma a nacionalidade por-

(1) Mendes Corrêa — *Os povos primitivos da Lusitânia* (Geografia, Arqueologia, Antropologia), Porto, 1924, 390 págs. e 32 Figs; citação na pág. 301.

tuguesa. Por isso todos os castros deviam ser considerados imóveis de interesse público».

Convenientemente escolhidos, deviam ser escavados alguns, 3 ou 4, em cada distrito, sob orientação científica segura, procurando, tanto quanto possível, repô-los na sua feição primitiva, a coberto da fúria destruidora dos ladravazes da pedra e da obstinada e louca mania dos não menos furiosos, pesquizadores de tesouros.

Nos castros implantam-se velhas raízes da nacionalidade portuguesa.

Numa primeira campanha de trabalhos na segunda semana do mês de Maio de 1983, prospectamos os 10 castros de que a seguir damos, de cada um, a sua situação, condições de acesso, muralhas, fossos, casas e alguns achados de superfície, nomeadamente cerâmica e mós de moinhos.

Para esta campanha a Câmara Municipal concedeu um subsídio de 40 000\$00 para despesa das viagens de ida e volta do Porto-Boticas em automóvel próprio, pequenos deslocamentos locais; subsídios de ajudas de custo a S. J. e N. S.; despesas em aquisição de material fotográfico, revelação e provas, e material de consumo corrente.

Para as visitas aos castros a Câmara cedeu-nos um jeep que foi guiado pelo Sr. Arnaldo Machado, distinto funcionário municipal, que, além de bom volante, foi auxiliar prestimoso na observação e registo das características de cada castro.

CASTRO DA GORDA

Este castro fica a cerca de 1,5 km, de mau caminho, a noroeste da típica aldeia de Ardãos, que é sede de freguesia e fica a 15 km a nordeste de Boticas, sede do concelho.

É o indicado com o n.º 2 na Fig. 1.

O *Castro da Gorda*, como lhe chama o povo, toma o nome do sítio, chamado «a Gorda». Ao lado e para o norte é o sítio dos Fornos.

Este último sítio, que não pudemos ir ver, pode, talvez, ter interesse arqueológico. São frequentes as designações de «fornos dos mouros» dadas pelo povo especialmente às cistas e outros pequenos monumentos funerários, e até a alguns pequenos dólmenes.

Foi nosso guia e informador o Sr. João Chaves, proprietário local e velho conhecimento de um de nós (A. M.).

O *Castro da Gorda* fica a noroeste da aldeia de Ardãos num cabeço empinado e pedregoso, a cerca de quilómetro e meio da aldeia de Ardãos. A subida foi áspera por a encosta estar cheia de mato, em alguns sítios com 2 m de altura e muito espesso.

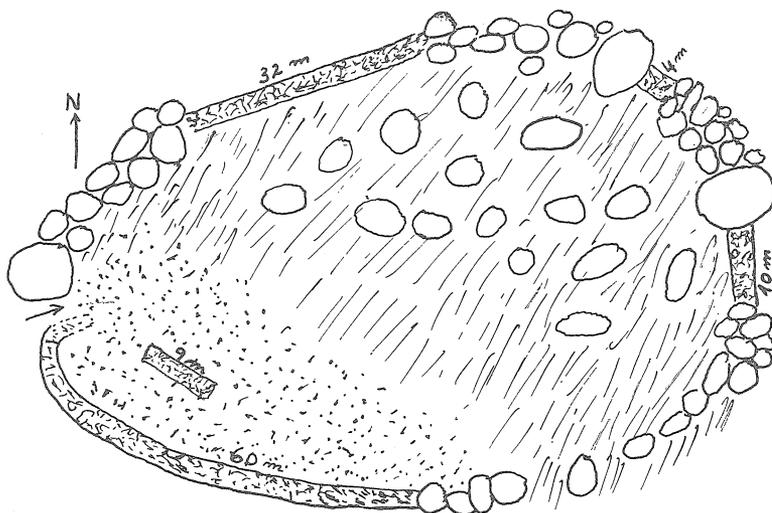


Fig. 2 — Desenho esquemático do Castro da Gorda (Ardãos) com 82 m de comprimento por 63 de largura máxima. O pontuado, a um e outro lado do murete de 9 m de comprimento, 1 de largura e 80 cm de altura, representa a área com terra. O tracejado é rocha viva semeada de alguns penedos.

O reduto cimeiro é ovalar (Fig. 2) com 82 m de comprimento, no alinhamento nascente-poente, e 63 m de largura no sentido norte-sul. É rodeado de fiadas de penedos de granito e porções de muralhas entre os penedos terminais de cada fiada e o primeiro da fiada seguinte.

O reduto é marginado por fragas mais ou menos alinhadas e 4 troços de muralhas, «alagadas» no dizer local, assinaladas por fiadas de pedras em montões caóticos.

Partindo do poente, da presumível porta do castro, há um pedaço da muralha com 60 m de comprimento, indicado pelo alinhamento do montão de pedras dela aluidas.

Aquela entrada no castro tem um grande penedo que forma, por assim dizer, a ombreira daquela presumível porta.

Aquele primeiro traço de muralha (Fig. 2) segue-se uma fiada com 60 m de penedos, não muito grandes, entremeados de fraga lisa e pendente, em lavadouro coincidente com o pendor de vertente do lado sul.

Uma porção de 10 m de muralha, também alagada, corre entre o extremo da anterior fiada de penedos e um enorme penedo, o primeiro de nova fiada, esta com 12 m de comprimento.

Depois um pequeno troço de 4 m de muralha esboroadá a entestar com grande penedo a que se seguem outros mais pequenos postos em fiada de 15 m.

Depois a quarta e última porção de muralha com 32 m, em cuja porção inicial, ou seja a ponta do lado nascente, há algumas pedras de topos apicotados.

Segue-se uma penedia de fragas um tanto angulosas, a última das quais é o grande penedo ombreira da presumível porta do castro.

Três quartos do reduto são fraga viva plana, pedra em que quase não há mato (urze e carqueja), o que contrasta com a periferia do alinhamento da muralha, dos lados nascente, sul e poente, cheia de mato espesso e alto pelo menos de metro

e meio. O lado norte, o mais alto do reduto, é penedia, linha de defesa natural daquele lado do reduto.

Não se viu qualquer sinal de casas; aliás a única porção com terra (Fig. 2), que fica a um e outro lado dum murete de 9 m, é o sítio, e escasso, a seguir à presumível porta, onde poderiam encontrar-se restos de casas mas não se viu quaisquer pedras que, pelo seu alinhamento, levassem a crer como indicadoras de casas.

Não se viu qualquer pedaço de cerâmica.

Os habitantes daquele castro, se é que foi local de habitação permanente, iam buscar água ao Ribeiro das Cerdeirinhas que corre na base do monte pelo lado do norte.

Como três quartos da área do reduto são de pedra lisa e suavemente inclinada, tal área não oferecia boas condições para o assentamento de casas. Por outro lado é pequena a área com terra, a um e outro lado do murete de 9 m de comprimento por 1 m de largura e 80 cm de altura e não se viu ali nada a assinalar o menor vestígio de casa.

Parece plausível admitir que o *Castro da Gorda* tenha sido um couto para refúgio e pernoita de rebanhos.

CASTRO DO CABEÇO

O Castro do Cabeço fica em termo da freguesia da Granja, que dista apenas 2 km da sede do concelho que confronta pelo norte.

O monte cónico, ou *cabeço*, em que assenta o castro, fica a escassos 300 m da estrada nacional n.º 103, km 146, entre Sapiãos e o Alto de Fontão. É propriedade da Junta de Freguesia.

A carta do Estado Maior 1/50 000 indica este castro e marca-lhe a cota de 784 m. É o indicado com o n.º 9 na carta da Fig. 1.

Está densamente coberto de pinhal e mato espesso com predomínio de carqueja, que tapa quase completamente os vestígios das casas circulares e outros possíveis restos de interesse arqueológico.

Visto à saída da estrada que parte de Boticas e seguindo para poente, leva a Bêça, Carvalhelhos e Campos e depois desce para Covas, o monte do Cabêço avulta como magestoso cone, totalmente revestido de pinhal.

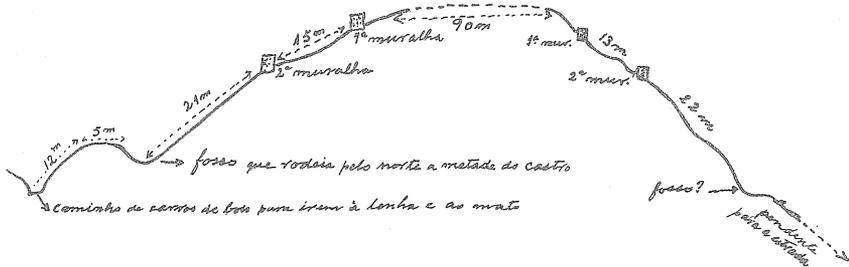


Fig. 3 — Perfil do Castro do Cabêço no alinhamento N. S.

Informaram que aquela pequena mata de pinhos pertence à Junta da freguesia. Interessa como primeira medida a tomar, para o conveniente estudo e valorização daquele castro, abater os pinheiros e queimar o mato.

Depois há que proceder a escavações convenientemente orientadas para sua valorização arqueológica, digamos científica.

Pelo pouco que dele se conhece e pelo que se viu leva-nos a crer que aquele castro tem marcado interesse arqueológico.

O acesso ao castro é fácil por rodeira de carros de bois que vai da estrada até ao alto a uma portela, com um pequeno cabeço pela esquerda, e pela direita com um fosso e a empinada ladeira com 21 m que vai até à 2.ª muralha, no alinhamento N. S (Fig. 3).

Dada a natureza do castro, a sua situação a três escassas centenas de metros da estrada, a fácil subida por rodeira de carros de bois, que, com pequeno e conveniente arranjo, poderá permitir a subida de carros ligeiros, o castro virá, seguramente, a ter crescente interesse turístico à medida que um plano sistemático de escavações vier a pôr a descoberto aquilo que o denso matagal encobre, mas que aqui e ali já se vislumbram restos de presumível interesse arqueológico.

Foi aquele alinhamento N. S. que seguimos ao percorrer o castro.

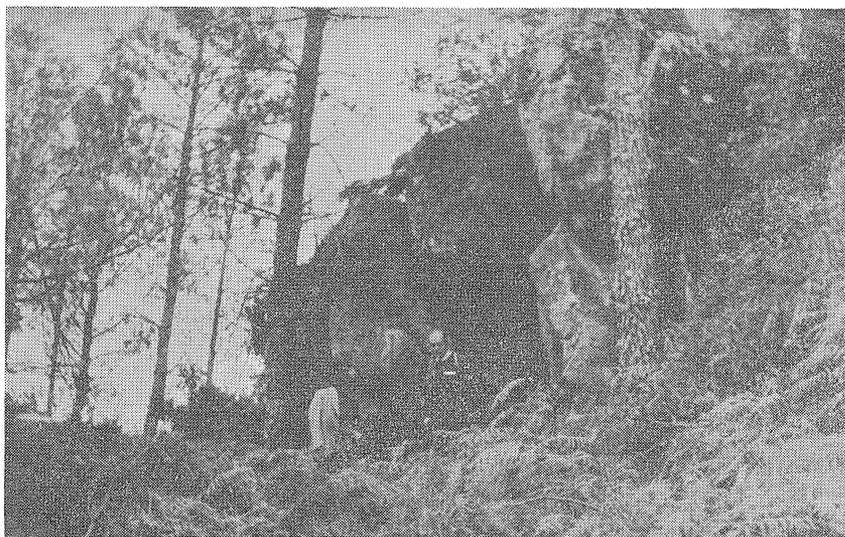


Fig. 4 — Penedos acavalados no alinhamento da 1.^a muralha do Castro do Cabeço constituindo um sector de robusta defesa.

À 2.^a muralha segue uma rampa de 15 m, muito menos íngreme que a anterior, que leva à 1.^a muralha. Esta circunda o reduto cimeiro, anel defensivo, que, no alinhamento seguido, entronca com grandes penedos altos de 3 a 4 m (Figs. 4 e 5).

Uns 10 m acima destes grandes penedos encontramos uma casa circular com 3,40 m de diâmetro que em 1955 foi escavada por um de nós (A. M. J.).



Fig. 5 — Penedos acavalados no alinhamento da 1.^a muralha.
Pormenor da figura anterior.

Retirados os muitos ramos secos, alguma caruma, e delgada camada de terra que tapava o fundo, puzemos a descoberto algumas pedras de granito, rectangulares ou subquadra-

das bem assentes e bem ajustadas, que formavam o pavimento lajeado da casa (Figs. 6 e 7).

Viram-se mais alguns restos a assinalarem casas circulares.

É de crer que uma vala exploradora ao comprido da plataforma do reduto cimeiro, venha a encontrar 10 a 12 casas e talvez mais.

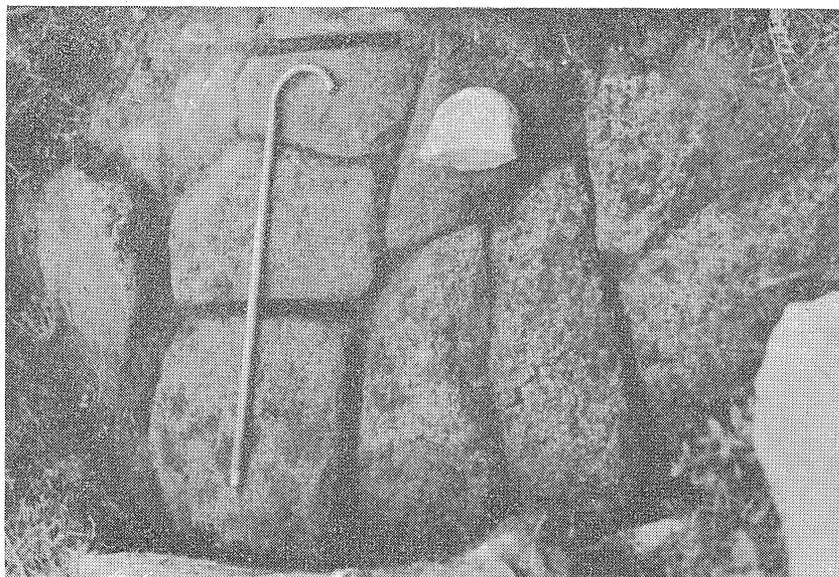


Fig. 6 — Aspecto parcial do lajeado de casa circular do Castro do Cabeço com 3,40 de diâmetro situada 10 m acima dum grupo de grandes penedos incorporados no alinhamento da 1.^a muralha.

Dentro da casa lajeada (Figs. 6 e 7) encontramos um pedaço de tegula com uns 20 cm de comp.

Junto da casa vimos metade da pequena pedra, mó anda-deira de moinho manual, com 17 cm de comprimento da aresta da fractura.

No pendor do lado sul vimos um pinheiro, com o raizeiro em prato, tombado pela ventania, que pôs a descoberto o lajeado de uma casa circular.

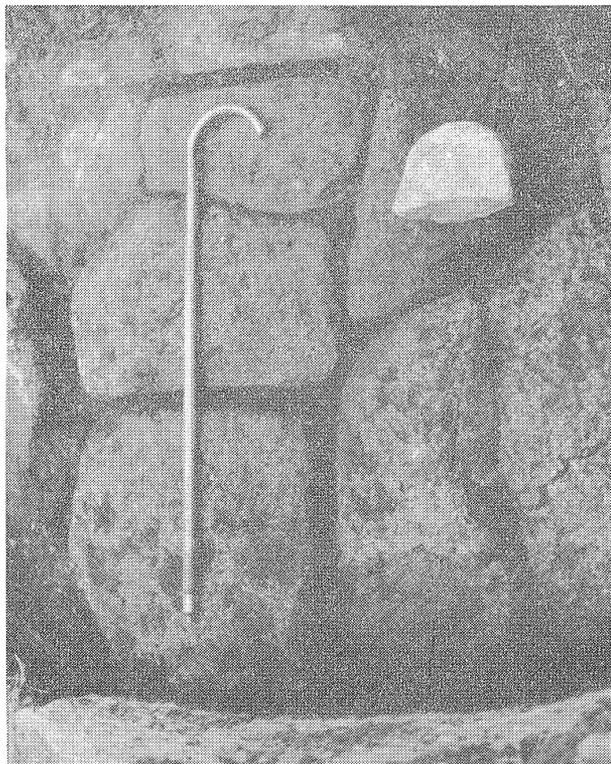


Fig. 7 — Pormenor da fig. anterior. A bengada mede 82 cm. A pedra branca é metade da mó andadeira de moinho manual, é de granito de grão grosso, tem de comprimento 11 cm e de aresta da fractura 17 cm.

Na vertente sul do alinhamento que vimos seguindo depa-ramos com uma grande casa circular, com 3,80 m de diâmetro (Fig. 8). Informou o companheiro (A. M. J.) que essa casa foi escavada em Agosto de 1982 por alguns docentes da Universi-

dade do Minho, sob orientação de uma Professora da mesma Universidade.

Dela distante 2 m para o lado poente há outra casa circular com 3,30 m de diâmetro, que foi isolada pelo colaborador A. M. J. e lhe descobriu o pavimento lajeado. Medimos duas pedras do lado nascente daquele lajeado, ambas rectangulares, uma com 42×48 cm e a outra ligeiramente arqueada com 40×55 cm e encurvada com o redondo da parede.



Fig. 8 — Grande casa circular com 3,80 cm de diâmearo escavada em Agosto de 1982 por uma brigada arqueológica da Universidade do Minho.

A face interna da porção do lado norte desta casa tem 90 cm de altura, mostrando no alto 3 pedras postas em, digamos, arranjo helicoidal (Fig. 9).

Particularidade interessante observada nesta casa é a preparação que fizeram à fraga em que assentou.

A fraga foi parcialmente alisada em rebaixo com um rebordo saliente cerca de 3 cm a aguentar as pedras da base da fiada externa da parede daquela casa lajeada.

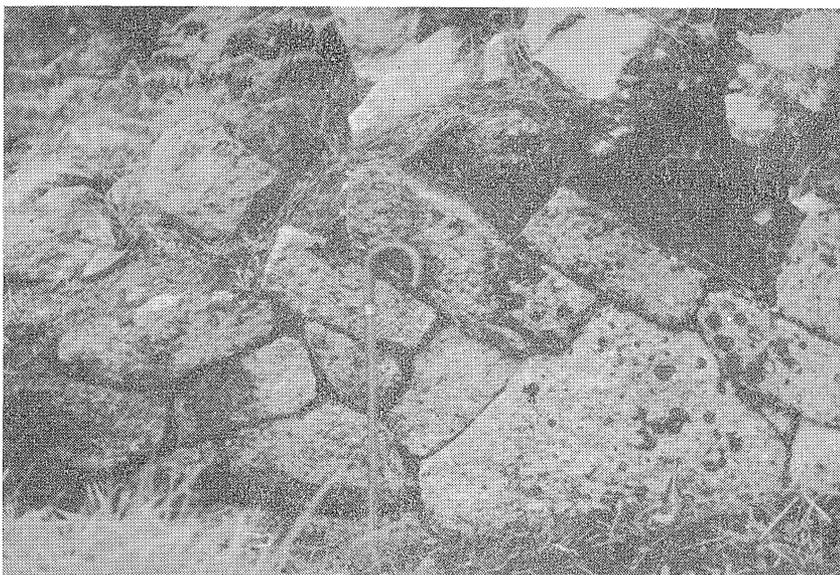


Fig. 9 — Porção da parede de uma casa circular com 3,30 m de diâmetro e com pavimento lajeado, a pedras de granito.

Boa nascente num lameiro dos chamados «lameiros do Cabêço», a uns 200 m sensivelmente ao nível da base do lado N. do cabêço, seria o manancial que abasteceria de água os habitantes do cabeço.

Viram-se pedaços de tégula, ou telha de rebordo, em 3 cores, branca, rosada e vermelho tijolo, muito fragmentada. Também encontramos alguns bocados de telha de calceira ou de capelão ou de «cápia». De bronze, uma única moeda pequenina de que tentei fazer decalque e de bronze três pequenos pedaços

de chapa delgada, e 1 barrinha delgada com 5 cm de comprimento e de secção quadrada com 3 mm de lado.

CASTRO DO MOURIL

Este castro fica na extrema do lado nascente da freguesia de Pinho, a confrontar com a povoação da Arcossó, da freguesia de Vidago, do concelho de Chaves. É o n.º 12 da Fig. 1.

O monte do Mouril é rodeado a nascente e a sul pelo rio Tâmega e fica na confluência da Ribeira de Sampaio com o Tâmega, ribeira que limita o castro pelo poente,

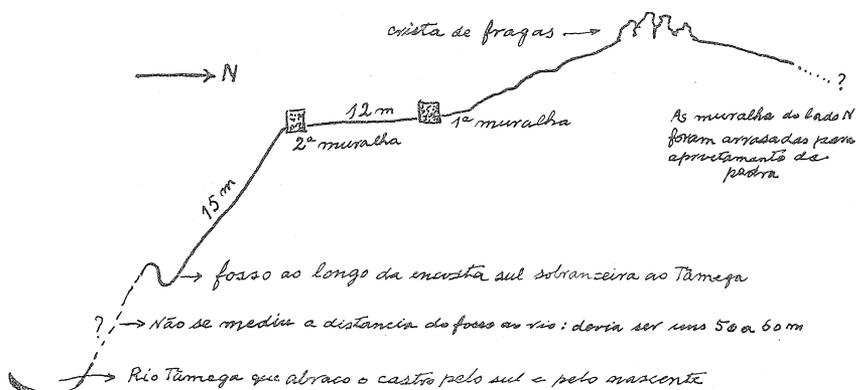


Fig. 10 — Perfil do sul para norte do Castro do Mouril. Com as pedras das muralhas do lado norte fizeram-se paredes de suporte de terra da quinta do Mouril anexa ao Castro.

O acesso faz-se pela estrada n.º 311 de Boticas a Vidago. Ao km 108, segue-se à direita o estradão que leva à Quinta do Mouril. Andando 1 km aparece-se-nos o monte do Mouril, de lombada suavemente encurvada em alinhamento leste-oeste.

O Sr. José Joaquim Afonso Ribeiro, actual dono da Quinta, aproveitou toda a pedra das muralhas do lado norte para fazer

na quinta muros de suporte de terra. Informou correr na tradição que há naquele monte uma mina que o atravessa de lado a lado.

Aquele castro tem duas muralhas, como se indica no desenho da Fig. 10 que esquematiza a vertente sobre o rio Tâmega no alinhamento S. N.

Quase no cimo do topo sul do castro há um pedaço da 1.^a muralha esbarrondada com 40 m, paralelo ao rio Tâmega, que a mata densa de pinhal não deixa ver o rio.

A muralha foi feita de pedras de xisto e algumas pedras de granito, em forma de cunha e face do topo apicotado.

A 2.^a muralha (Figs. 11 e 12) tem 2,60 m de largura e 50 a 60 cm acima da terra; tem um troço levemente arqueado a rodar para o topo do lado poente do castro, com 30 m de comprimento.



Fig. 11 — Porção derruída da 2.^a muralha do Castro do Mouril do lado sul, sobranceira ao Tâmega, que rodeia o monte pelo norte e poente. As duas pessoas indicam a largura da muralha que é de 2,60 m.

Entre as duas muralhas há um patamar de 12 m de largura.

Viu-se aflorando à superfície da terra, junto da face interna da 1.^a muralha, parte do anel da parede duma casa circular. A parede com 45 cm de largura.

Viram-se outros afloramentos possivelmente indicadores de mais 3 casas circulares, e é bem possível que haja mais algumas que o muito mato, crescido no patamar entre muralhas, não permitiu pesquisar com pormenor.

O Sr. J. Afonso Ribeiro ao desfazer as muralhas encontrou uma pedra de granito subrectangular que incorporou num paredão de suporte de terreno.

A pedra tem uns 75 cm de comprimento, largura de 47 cm e espessura de 25 cm.



Fig. 12 — Porção inicial dum troço da 2.^a muralha do Castro do Mouril com 30 m de comprimento a rodar para o topo do lado poente, também com 2,60 m de largura.

O lado cimeiro tem dois entalhes arqueados simétricos que determinam um topo mediano mamelonado.

Tal pedra talvez possa interpretar-se como tendo sido preparada para lápide, em cuja face se gravaria a inscrição respectiva.

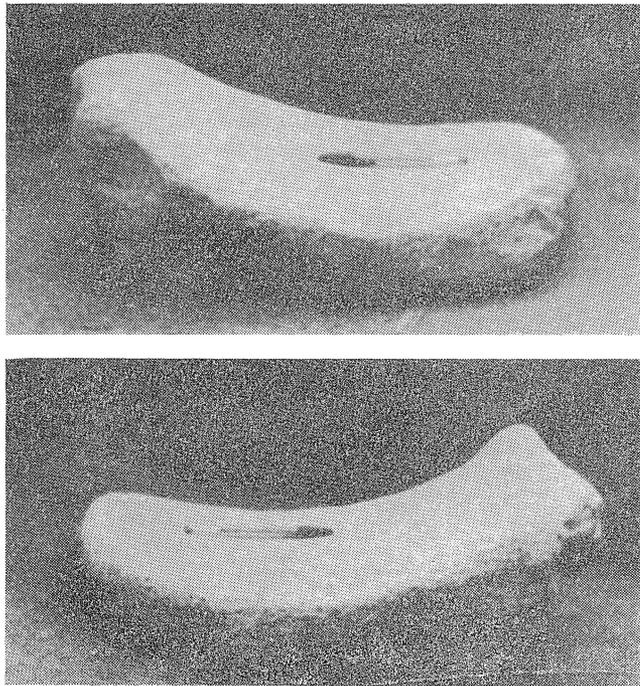


Fig. 13.—Pedra de granito de grão grosso, mó dormente de moinho manual achada a 3 m de fundura ao escavar o terreno da vinha na base do lado N do Castro do Mouril. A caneta mede 13 cm.

Foi arrancada do paredão em que estava metida, para ver a outra face que também não tinha quaisquer letras ou qualquer sinal.

O Sr. J. A. Ribeiro encontrou a 3 metros de fundura a pedra de granito da Fig. 13, que é mó dormente dum moinho manual.

Tem 48 cm de comprimento. Num dos topos altura de 21 cm e no outro 7,8 cm. No máximo rebaixo do desgaste a espessura é de 7,5 cm.

A superfície desgastada pela moedura é lisa, quase polida, e tem 31 cm de largura.

A pedra foi-nos gentilmente oferecida e entregue na Câmara para o futuro museu municipal.

OUTEIRO DO PARDO

O Outeiro do Pardo fica na margem direita do rio Terva, e o acesso faz-se pela estrada 311 até ao km 101, seguindo-se depois, à direita, por um estradão que a 300 ou 400 m adiante chega ao Outeiro do Prado, que vai indicado na Fig. 1 com o número 11.

O Outeiro do Prado é um picoto, ou cabeço, pedregoso, quase um ajuntamento de penedos em que se destacam do lado nordeste os maiores, cortados quase a prumo numa altura de 18 a 20 m.

Fica junto do rio Terva que corre pela base do Outeiro e o abraça pelo norte, leste e, em parte, pelo sul.

Na base do Outeiro, pelo sul, corre uma tosca muralha, de 30 m, paralela ao rio e que depois torce e segue direita ao rio.

Não sabemos se o que resta corresponde a uma verdadeira muralha destróçada, e não é senão um paredão esbarrondado feito de toscas e angulosas pedras de granito, assentes a fazer parede consoante a feição da face lhe oferecesse condições de melhor assentamento.

O outeiro é alto de cerca de 25 a 30 m, tendo no cimo um montão de grandes fragas de granito.

A meia encosta grandes fragas que em alguns sítios parece terem sido ligadas por estreitas muralhas ou simples muretes, em troços pequenos, nunca superiores a 10 m.

Entre a penedia há poucos e escassos plainos que pudessem oferecer condições para a implantação de casas, das quais na zona percorrida não encontramos qualquer vestígio.

Se não fôra o achado que em oportunidade anterior um de nós (A. M. J.) ali fez de 11 pedaços de cerâmica de tipo castrejo (Fig. 14) apanhados na margem do rio junto da base dos

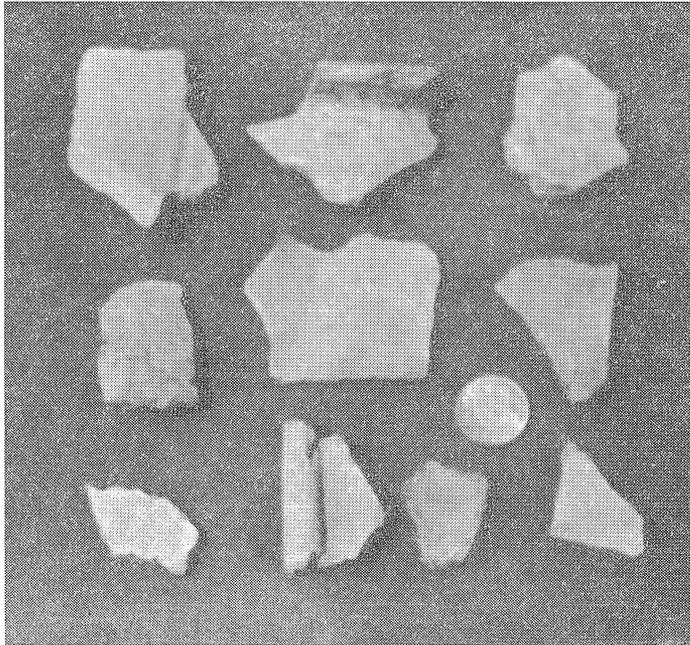


Fig. 14 — Pedaços de cerâmica castreja apanhados à superfície por um de nós (A. M. J.) na margem do Terva lado norte do Outeiro do Pardo. A moeda de 5 escudos está a indicar dimensões.

altos penedos do lado nordeste, cortados quase a prumo numa altura de cerca de 20 m, àquele Outeiro não se lhe poderia atribuir a qualidade de agregado arqueológico de tipo castrejo.

Entre os 11 pedaços de cerâmica realçam dois bordos de vasos. Um deles de cor castanho-escuro é de pasta relativa-

mente fina e micácea, com palhetas finas de moscovite; mede 4,7 cm por 6,7 e o bordo é revirado em pala quase horizontal com aba 2 cm de largura. A face externa é lisa e polida (gogada). A espessura da parede da pança ou barriga do vaso é de 5 mm.

O outro bordo de cor castanho-amarelada é de pasta grosseira micácea e com grãos de areia; mede 4,8 cm por 3,5 e a espessura do início da pança do vaso é de 1,0 cm. Este bordo é formado por cordão roliço com 1 cm de altura. Pela sua robustez e pequena curvatura dete ter pertencido a um grande vaso com grande boca.

Apareceram mais 8 pedaços de cerâmica todos pequenos, de várias pastas mais ou menos finas e mais ou menos micáceas. Apenas um deles, com $6,8 \times 5,0$ cm, e espessura de 9 mm tem um sulco numa das faces.

COUTO DOS MOUROS

A esquerda da estrada 311 que vai de Boticas para Vidago, ao quilómetro 100 e 800 m, fica o Couto dos Mouros, cabeço pedregoso com grandes fragas de granito.

Fica sobranceiro ao Ribeiro do Terva que a uns 200 m lhe corre pelo poente. Vai indicado na Fig. 1 com o n.º 10.

Do lado norte há um pequeno troço de muralha com 10 m de comprimento assinalado em parte por uma fiada de pedras em montão linear caótico.

Há outro troço do lado poente com 12 m de comprimento e feito de pedra tosca. Não se viu uma única pedra apicotada.

Pelo nascente muitas fragas a constituírem, por assim dizer, linha de defesa natural.

Do lado sul é possível que tivesse existido muralha, mas há dezenas de anos que ali tem havido pedreira que deve ter arrazado a muralha. Como este é o lado mais acessível do castro seria certamente o lado melhor defendido, e, daí, o dever

ter ali havido um pano de muralha de que, no entanto, se não viu qualquer resto.

No alto há uma casa circular com 2,7 m de diâmetro e paredes ao rés da terra com 80 cm de largura, feitas de pedra tosca. Não se lhe viu pedra apicotada.

O abastecimento de água era feito na Ribeira do Terva que, como já se disse, lhe passa a ponte a cerca de 200 m.

Um de nós (A. M. J.), há tempos atrás, ali encontrou quase metade de mó circular de moinho com 9,5 cm do bordo ao buraco mediano. É de granito de grão médio.

Na face posterior tem um rebaixo circular, pouco acentuado, e um buraco marginal pouco fundo, com cerca de 3 cm de diâmetro e fundura de pouco mais de 2 cm.

Este pedaço de mó está à guarda do seu achador para ser incorporado no museu regional, que se pensa instalar no velho edifício que muitos anos foi sede da Câmara.

Alguns remeximentos de terra maiores ou menores é de crer que atestam trabalhos de pesquisadores de tesouros.

O CASTRO DE SAPELOS

Sapelos fica a 9 km de Boticas e é aldeia ou lugar da freguesia de Sapiãos. O castro de Sapelos fica ao lado da estrada 103, ao km 151,6, logo a seguir à chamada Ponte Pedrinha sobre o rio Terva, e à direita de quem vai de Boticas para Chaves.

O castro fica no alinhamento da *ponte pedrinha*, e assenta na crista do monte que lhe fica fronteiro pelo nascente. Vai indicado na Fig. 1 com o número 7.

Subimos pelo lado norte. Deparamos com um fosso com 3 m de boca a rodear uma fraga, que marcava o início dum longo patamar com 155 m de comprimento e largura de 40 a 45 m.

Este fosso era patente umas duas dezenas de metros, ao lado e um pouco abaixo do bordo poente do longo patamar. O mato espesso não permitiu esclarecer suficientemente o seguimento do fosso a todo o comprimento do bordo do patamar. No entanto é de crer que assim seja.

Parece, segundo informação colhida em Sapelos, que este patamar era muralhado. Se assim era é de crer que aquele patamar fosse o recinto de recolha dos rebanhos.

O patamar, ligeiramente ascendente, estende-se até ao cabeço onde assenta propriamente o castro, rodeado de muralha e fossos.

A seguir ao longo patamar com 155 m de comprimento, no sentido N. S., o terreno ascende para o terreiro ou reduto, onde assenta propriamente o castro.

Entre o primeiro longo patamar e a pequena rampa ascendente ao terreiro do castro, há um fosso largo e profundo cujo afundamento informaram resultou da exploração do quartzo, de que aquele cabeço é em grande parte formado, e ali foi explorado.

A exploração estendeu-se também à encosta do lado nascente e possivelmente aos largos fossos do lado sul.

O fosso do levante roda para sul e deve seguir mais ou menos paralelo à muralha do lado poente. O muito mato, espesso e forte, tapa o seu alinhamento, que é apenas levemente assinalado.

Tudo leva a crer que o prolongamento deste fosso rodeava completamente o terreiro do castro.

O topo sul do terreiro tem um combro de terra com o comprimento de 10 m e em média com altura de 1 m, que será resto de muralha de terra.

A seguir a este combro de terra desce uma rampa no fundo da qual corre à direita e à esquerda um fosso de cerca de 4 m de boca e fundura de 1 m a metro e meio.

Este fosso é a continuação do grande fosso que se estendia ao longo da base da encosta voltada à nascente.

O estradão destruiu grande parte deste grande fosso, que no extremo sul roda e vai passar na base da rampa atrás referida.

Um pouco antes de atingir a rampa na linha N S bifurca-se. Um dos ramos continua ao longo da encosta poente, paralelamente, e a uns 10 m, da muralha, constituindo o 1.º fosso do conjunto defensivo. O outro largo ramo é descendente e a alguns metros roda para norte a formar o 2.º fosso. O mato espesso apenas permite calcular, pouco mais que adivinhar, o seu delineamento, que, no entanto, nos deu a impressão de que se ia afastando do 1.º fosso à medida que ia seguindo ao longo da encosta poente.

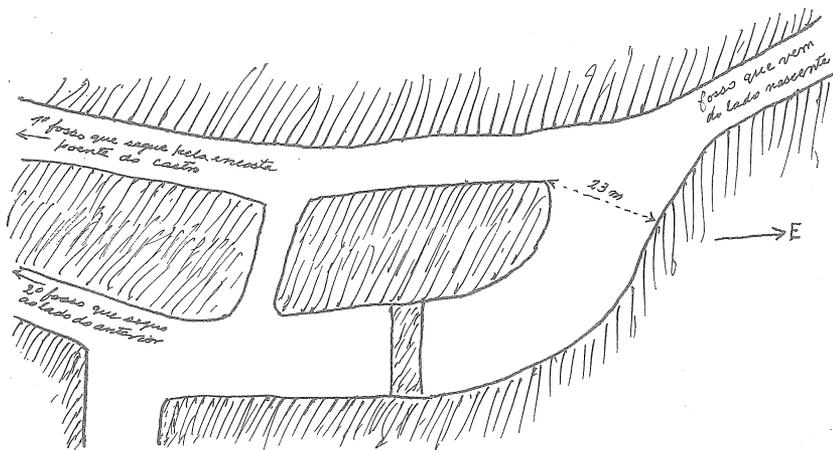


Fig. 15 — Desenho muito esquemático da malha de largos fossos no topo sul do Castro de Sapelos.

A uns 30 m da bifurcação referida, do 1.º fosso sai um outro fosso que vai desembocar no 2.º fosso, e que poderemos chamar fosso transversal ou de ligação. Tem uns 40 m de comprimento e o seu bordo do lado E mostra a todo o comprimento uma fiada de pedras de granito que será talvez indício de muralha.

Como o desenho esquemático da Fig. 15 mostra, há ali uma curiosa e estranha malha de largos fossos, com bocas

de 20 m, e que parece ter resultado de exploração mineira, talvez apenas de quartzo de que o monte parece ser essencialmente constituído.

O castro deve ter sido muralhado a toda a roda.

Do lado nascente viram-se, de onde a onde, pequenos pedaços de muralha com 1 m ou pouco mais e apenas com 3 fiadas de pedras de granito.

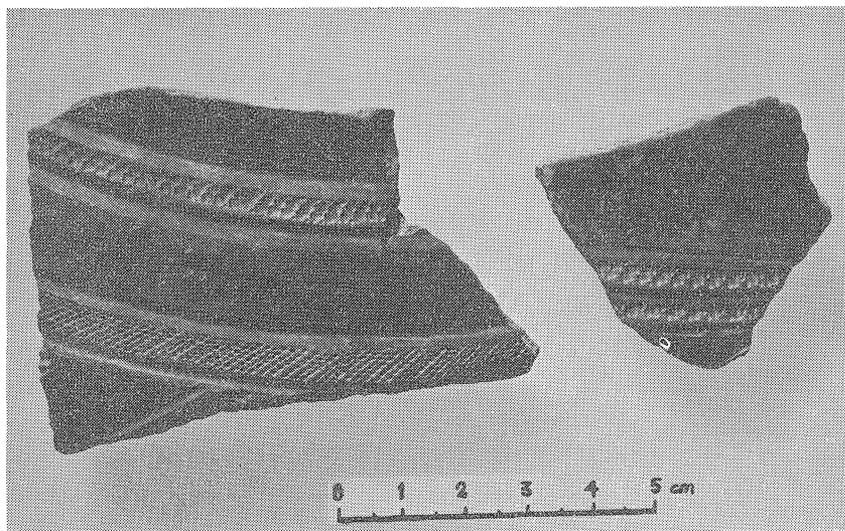


Fig. 16 — Cerâmica ornamentada achada por um de nós A. M. J. no Castro de Sapelos.

Do lado poente, no pendente sobre a estrada e numa extensão de 50 a 70 m, há uma fiada de pedras de granito em montão caótico, fiada que deve corresponder à 2.^a muralha. Uma das pessoas que fomos ouvir à aldeia de Sapelos foi o Sr. Élcio, indivíduo dos seus 50 anos, que nos declarou lambrar-se de que, pelos seus 14 anos, o castro tinha muralha a toda a roda com altura que lhe dava pelo peito.

O castro foi muito rapinado das pedras das muralhas, levadas para construir casas na aldeia.

No topo sul do reduto intramuralha há um combro de terra que deve corresponder a um alteamento da muralha, ou terra em reforço da mesma.

Todo o reduto está revestido de carqueja e urze e no seu topo norte algumas giestas que não permitiram descobrir a existência de quaisquer restos de construções.

Apenas numa depressão do reduto junto do alinhamento da muralha do lado poente se viu um arqueado de pedras de granito, que é de supor ser resto de uma casa circular.

Da estrada sai um estradão que sobe a encosta rodeia o monte do castro pelo nascente e vai passar perto do topo sul do reduto.

Por ali é fácil a subida ao terreiro do castro, que fica ligeiramente acima do primeiro patamar, terreiro que tem 155 m de comprimento por 40 a 45 de largura.

Nada se encontrou que merecesse interesse arqueológico.

No entanto, um de nós (A. M. J.) em visita anterior feita ao castro ali encontrou 2 pedaços de cerâmica quase negra de superfície polida. O pedaço maior (Fig. 16) está ornamentado a punção com fiadas lineares de pontinhos entre sulcos pouco fundos riscados em paralelo, e entre outros dois sulcos uma série de pequeninos SS ligeiramente inclinados sobre a direita.

O pedaço mais pequeno, como a mesma fotografia da Fig. 16 mostra, está ornamentado por duas fiadas de pequeninos SS semelhantes aos do pedaço maior.

Estes dois espécimes de cerâmica negra, brunida ornamentada, estão à guarda do seu descobridor (A. M. J.) e destinam-se ao projectado museu municipal de Boticas.

CASTRO DE CARVALHELHOS

Fomos ao Castro de Carvalhelhos, especialmente para ver o resultado da pulverização com arbusticidas Raundup e Mouticida que um de nós (S. J.) aplicara ao mato daquele castro

aquando da realização da 31.^a campanha de trabalhos ali realizada em Agosto de 1982.

Algumas espécies estavam inteiramente secas e outras um tanto murchas, talvez por nestas, especialmente na carqueja, a pulverização ter sido mais ligeira.

Todos os anos o serviço de limpeza com o corte e arranque do mato, urze, carqueja, silvas, charogaço e ervagem, é causa de preocupação e de despesa. Se o emprego dos arbusticidas resultar há economia e ganho de tempo.

Embora o Castro de Carvalhelhos, a que o povo chama *Castelo dos Mouros* ou simplesmente *Os Mouros*, venha sendo estudado por um de nós (S. J.) desde 1952 em campanhas sucessivas ⁽¹⁾, faremos curta síntese dos trabalhos ali feitos e seus resultados.

(1) As primeiras escavações fizemo-las (S. J.) em Setembro de 1951. As despesas com o pessoal foram de conta da Empresa das Águas de Carvalhelhos. Seguiram-se outras campanhas de escavações de que fomos dando conta nos respectivos relatórios que se indicam a seguir. J. R. dos Santos Júnior, *O Castro de Carvalhelhos*, in «Trabalhos de Antropologia Etnologia», Fasc. 1-4, vol. XVI, Porto 1958, pág. 25-62, 6 desenhos e 23 fotografuras; *id.*, *Rampas de acesso às muralhas do Castro de Carvalhelhos*, in «Boletim de la Comision de Monumentos de Orense», Tomo XX, Anos 1959-1960, Orense 8 págs e 4 Figs. *id.*, *Escavações no Castro de Carvalhelhos (Campanha de 1963)*, in «Trabalhos de Antrop. e Etnol.», Fasc. 2.º vol. 19, Porto, 1963, pág. 187-193, 5 figs.; *id.*, *Escavações no Castro de Carvalhelhos (Campanha de 1961)*, in *id.*, Fasc. 2.ª vol. 19, Porto, 1965, págs. 360-365 e 8 Figs.; *id.* *Duas campanhas de escavações no Castro de Carvalhelhos (1965-1966)*, in *id.* Fasc. 1-2, vol. 20, Porto, 1966, pág. 181 e 9 figs.; *id.* *Escavações no Castro de Carvalhelhos (Campanha de 1970)*, in *id.*, Fasc. 1.º, vol. 22, Porto, 1971, pág. 72-75 e 4 figs.; *id.*, *As notáveis condições de defesa do Castro de Carvalhelhos*, Fasc. 3.º, vol. 22, Porto 1973, págs. 207-219 e 2 figs; *id.* *Castro de Carvalhelhos — Campanha de escavações em Agosto de 1975*, in *id.*, Fasc. 4.ª vol. 22, Porto, 1975, pág. 559-566 e 4 figs. *id.*, *Castro de Carvalhelhos — Campanha de 1976*, in *id.*, Fasc. 9.º, vol. 23, Porto, 1977, pág. 161-165 e 2 figs.; *id.*, *27.ª Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (1977)*, in *id.*, Fasc. 2.º e 3.º, vol. 23, Porto, 1978 pág. 323-333 e 16 Figs.; *id.*, *28.ª Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos, 1979*; in *id.*, Fasc. 4.º, vol. 23, Porto, 1980, pág. 609-621 e 8 figs.; *id.*, *29.ª Campanha de escava-*

O Castro de Carvalhelhos assenta num cabeço sobranceiro às justamente afamadas Águas de Carvalhelhos, em termo da aldeia de Carvalhelhos anexa à freguesia de Bêça, que fica a 6 km de Boticas, sede do concelho. Na Fig. 1 está indicado no número 14.

Desde 1951 aquele castro é imóvel de interesse público (Decreto n.º 38941, Diário do Governo, 2.ª série, de 6 de Novembro de 1951.

São 3 as linhas de muralhas do castro.

A primeira muralha, em alguns sítios com 3 m de largura, forma um anel à volta do reduto cimeiro, arredondado, com 51 m no sentido N. S. e 42,5 m no sentido E. O.

Com pedras caídas da muralha reconstruímo-la, em alguns troços a um pouco mais de 2 m de altura. Pessoas idosas inquietas afirmaram que há muitos anos atrás as muralhas eram muito altas, antes de lhe arrancarem pedras com que foram feitas várias casas da aldeia.

Uma das pessoas que inquiri em 1950 foi um velho de 85 anos. Lembrava-se bem de, quando rapaz, ver aquela muralha em alguns sítios com altura de dois homens.

Quer dizer: aquela primeira muralha atingiria à cerca de 100 anos 3,5 a 4,5 m de altura e talvez já com falta de pedra. Não será ousado supor que as muralhas tivessem 4,5 a 5 m de altura quando íntegras.

A segunda muralha, a que talvez pudéssemos chamar a muralha exterior, entesta na primeira junto da porta do castro e segue pela encosta do lado poente direita ao ribeiro e a uma distância de 30 m da muralha cimeira.

ções no Castro de Carvalhelhos, 1980, in id., Fasc. 1.º vol. 24, Porto, 1981, pág. 141-148 e 8 figs.; id., 30.ª Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos, Agosto de 1981, Fasc. 2.º, vol. 24, Porto, 1982, pág. 249-263 e 10 figs.

Está em publicação a 31.ª Campanha feita em Agosto de 1982 e já se fez este ano em Julho-Agosto de 1983 a 32.ª campanha que aguarda publicação na primeira oportunidade.

A terceira muralha, ou muralha da base, estende-se por mais de 100 m paralela e a curta distância do ribeiro.

Há 15 ou 16 *rampas de acesso* às muralhas, sendo 10 ou 11 na cimeira ou primeira muralha e 5 na segunda.

Estas rampas foram assinaladas pela primeira vez como particularidade da arquitectura castreja. Há-as também no Castro da Curalha e também as descobrimos (S. J.) no Castro de S. Vicente da Chã (Pisões — Montalegre).

É de crer que esta particularidade, enquadrada na arquitectura defensiva dos castros, embora nunca tivesse sido assinalada, seja comum a todos os castros, sabendo-se que a altura das muralhas devia ir a, pelo menos, 4 m. O certo é que tais rampas foram pela primeira vez postas a descoberto por um de nós (S. J.) no castro de Carvalhelhos.

As *pedras fincadas* formando em conjunto uma espécie de ouriçado, onde é difícil passarem homens ou cavalos, é mais uma linha de defesa a juntar às muralhas e aos fossos. Estas pedras vêem-se em muitos castros do leste trasmontano. As dos castros de Carvalhelhos e do de S. Vicente da Chã, são as que, até hoje, se assinalaram mais a ocidente do leste de Trás-os-Montes, onde, como se disse, são frequentes.

No Castro de Carvalhelhos há *pedras fincadas* ao comprido e ao largo (8 a 10 m de largura) na zona cimeira do bordo externo do terceiro fosso. Há-as também na crista de separação dos dois fossos que se estendem ao lado da segunda muralha na vertente ou encosta do lado poente.

Uma particularidade que concorre para notabilizar o castro de Carvalhelhos é a profundidade dos seus fossos.

Na cumieira há 3 fiadas de fossos, enquanto que nas encostas do nascente e do poente há só dois.

É que o 2.º fosso do nascente, ao chegar ao ponto onde o cabeça em que assenta o castro se liga ao monte que o domina, bifurca-se, aumentando com mais um fundo regueirão o poder

defensivo daquele sector, sem dúvida o mais vulnerável a qualquer assalto.

A amplitude das bocas dos fossos é variável, indo de 4 a 8 m.

Surpreendeu-nos (S. J.) a fundura atingida por alguns troços, especialmente na cumieira e na encosta do lado nascente, onde chega a atingir 7 e 8 m de fundo.

Há ainda um regueirão por fora e paralelo ao 2.º fosso da encosta voltada a nascente, talvez fosso incipiente, ainda em estudo.

As grandes funduras dos fossos que vão de 4 e 5 m até 7 e 8, são mais um notável elemento defensivo que notabiliza aquele castrinho, sem dúvida pequeno, mas cheio de interesse arqueológico.

No Castro de Carvalhelhos descobriram-se algumas casas.

No recinto ou reduto cimeiro 7, sendo 4 circulares, uma das quais com vestíbulo parcialmente destruído, e 3 rectangulares. Fora de muralha na encosta do lado nascente encontraram-se 4, das quais 2 circulares, uma delas com vestíbulo, e 2 rectangulares.

Nas escavações colheu-se bastante cerâmica quase toda muito fragmentada e lisa, isto é sem ornamentação; a mais dela de manufactura grosseira, granosa e micácea, tipicamente castreja. Não se encontrou o menor pedaço de tégula, a característica telha de rebordo, que, quando se encontra, é considerada como típico sinal de romanização.

Apanharam-se alguns quilos de escórias que foram analisadas pelos distintos colegas Prof. Eng.º A. Herculano de Carvalho, Catedrático do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, que foi Reitor da Universidade Técnica de Lisboa e pelo Prof. Eng.º Horácio Maia e Costa, também catedrático, da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e que foi Vice-Reitor da mesma Universidade.

O primeiro fez a análise química e admitiu que fossem escórias de extracção de estanho. O segundo pormenorizou o

exame, fazendo observações microscópicas, e concluiu que aquelas escórias eram resultantes da extracção do estanho da cassiterite (SnO_2) e que se tinham conseguido temperaturas de pelo menos 1.300 graus.

Entre as peças de metal, além de uma fivela de bronze e outros restos de menor interesse, sobressai uma fíbula também de bronze ornamentada por fiadas de granulações esferoidais.

Apareceram 4 moedas todas mais ou menos cerceadas.

De bronze, um ás de Augusto com orifício de suspensão e dois áses de Tibério.

De prata um denário de Augusto e um pequeno disco quase circular com os diâmetros em milímetros de 14×12 e o peso de 17 dg. Possivelmente moeda.

Apareceram apenas duas contas de vidro uma oblonga translúcida com irisações douradas e outra azul esferoidal.

Apanhou-se uma bela pedra de anel em vidro vulcânico, elíptica com 12×10 mm e a espessura de 1,8 mm. Tem gravada uma figura feminina.

A maior parte do material colhido no Castro de Carvalhos, por acordo do Instituto Português do Património Cultural, foi entregue ao Museu Municipal da Região Flaviense, onde já se encontram em exposição algumas colecções e peças de grande interesse arqueológico de vários castros e de achados feitos na área do concelho de Chaves.

O CASTELO DE BREJO OU CIDADONHA

Este castro fica a oeste de Bobadela, aldeia situada do lado poente da Ribeira do Terva, na base da serra do Leiranco e a 8 km a nordeste da sede do concelho. Vai indicado na Fig. 1 com o número 5.

Na área da freguesia da Bobadela são conhecidos dois castros, o da *Cêrca* e o do *Brejo* ou da *Cidadonha*. Foi só este o que pudemos prospectar em rápida visita.

Fica o *Castro do Brejo* ao lado e sobranceiro à casa do guarda florestal, que, por sua vez, fica a cerca de 800 m a poente da aldeia de Bobadela.

O castro assenta no alto dum pequeno cabeço pedregoso com muitas fragas de granito, especialmente numerosas e amontoadas no topo cimeiro.

O acesso ao castro faz-se pelo caminho que da aldeia vai à casa do guarda florestal, e pela subida da ladeira, de uns 150 a 200 m de comprimento, não difícil de trepar.

O reduto ou terreiro, por sinal com pouca terra, pois uma boa parte é rocha viva, a pender suavemente para nascente, é limitado dos lados nascente, norte e sul por fiada descontínua de grandes pedras a marginarem o terreiro ou reduto. Na fiada ou alinhamento das pedras a marginar o reduto há algumas pedras tombadas e falhas por falta de pedras que devem ter sido levadas para fazer casas, páteos ou lareiras.

Medidas de algumas pedras limitantes do reduto ou terreiro.

Quem sobe no alinhamento da casa do guarda florestal, encontra uma rampa, por falta de pedra, que permite entrar no terreiro.

Logo à direita desta entrada há pedras encostadas e postas em fiada (Fig. 17). A primeira tem crista acuminada, saliente da superfície do reduto escassos 35 a 40 cm, mede pela face oposta, à que ampara o reduto, a altura de 1,10 m, tem 1,30 m de largura e uns 40 cm de espessura.

A segunda, também de crista saliente do reduto pouco mais de um palmo, mede na face externa 1,35 m de altura, 2,20 m de comprimento e espessura de 30 a 35 cm (Fig. 17).

Uma terceira pedra limitante do terreiro, distante 50 cm da anterior tem 1,0 m de altura a mesma medida do comprimento da anterior e 30 cm de espessura.

Há clareiras por falta de pedras no alinhamento do sul para norte que fomos seguindo, algumas das quais com super-

fície que certamente seria quase plana, com 2×2 m e espessura rondando os 25 a 30 cm, davam boas pedras de lareira. Outras clareiras devidas às pedras simplesmente tombadas.

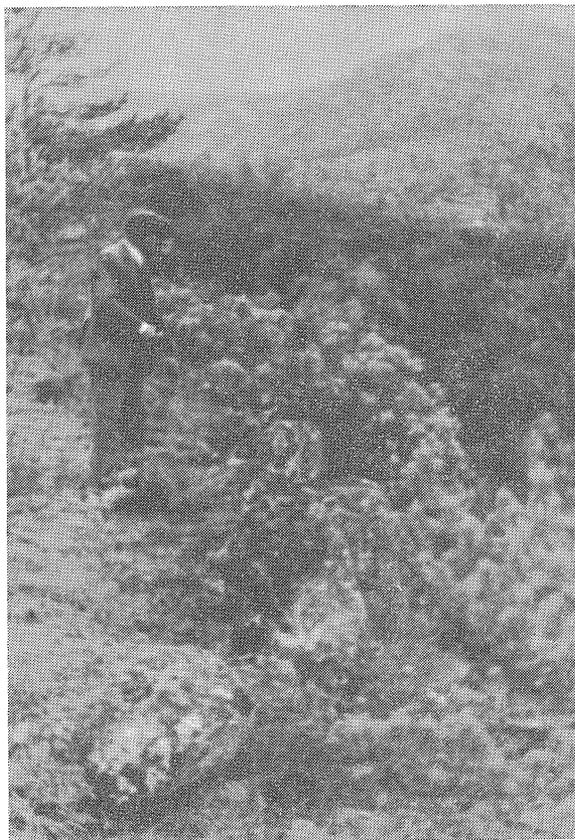


Fig. 17 — Fiada de pedras limitantes pelo nascente do reduto do Castro do Brejo.

Uma destas pedras é irregular de cavado anguloso a todo o comprimento, tem 2,20 m de comprimento por 1,90 m de largura.

O alinhamento de uns 35 m de comprimento que vimos seguindo, em dada altura, desanda para poente e forma, em



Fig. 18 — Duas grandes pedras de granito limitantes pelo nascente do reduto do Brejo. A primeira tem de comprimento 1,30 m, altura 1,10 e espessura de 40 cm. A segunda tinha 2,20 de comprimento, 1,35 m de altura e 25 de espessura.

46 m, o bordo limitante do reduto pela lado norte até um grande penedo da fragada do cume.

A parte final deste bordo, limitante do terreiro pelo norte, termina por um arranjo singular de uma fiada de grandes pedras, em que salientam 5 bicos intercalados de cerca de 2 m. Algumas daquelas pedras parece terem sido calçadas no acto



Fig. 19 — Alinhamento descontínuo do bordo sul-sudoeste do reduto do Castro do Brejo, com 8 pedras, 3 das quais mostra esta fotografia. A de forma sensivelmente cúbica tinha a face que a fotografia mostra de frente com 98 cm de largura; a face que se lhe seguia pela direita tinha 1,20 de largura; a altura da pedra era de 1,17 m.

do assentamento daquele singular reforço defensivo, a contrastar com a aparente fragilidade defensiva da fiada de pedras que bordejam o reduto pelos lados sul e nascente,

No limite do terreiro do lado sul e sudoeste num comprimento de 30 m, só se viram 8 pedras; intervaladas assim: no cimo 2 depois mais 2 e depois 4. Destas 4 a 2.^a é sensivelmente cúbica e com as seguintes medidas: altura 1,17 m, numa face e na oposta, ambas com 98 cm de largura; a outra face angular e a sua oposta ambas com 1,20 (Fig. 19).

Rodeando o monte pelo N. e pelo nascente, corre o Ribeiro do Brejo a uma escassa centena de metros.

Ao percorrer o terreiro encontraram-se 20 fragmentos de cerâmica de várias pastas, todos pequenos e alguns muito pequenos. O maior é um pedaço rectangular de um bordo de grande vaso com uns 53×38 cm e a espessura de 1,5 cm.

O mais pequeno, de cor escura, tem $1,5 \times 1,0$ cm com a espessura de 2,5 mm. Um pedaço de tijoleira tinha $8,5 \times 8,0$ cm e a espessura de 3,5 cm.

Na aldeia de Bobadela o Sr. Eusébio Dias Barja, de 60 anos, dono da loja local, disse-nos que seu pai fôra pedreiro e que achara no Castro do Brejo, um machado de bronze de 2 aurículas que foi oferecido ao Museu de Chaves, onde deve encontrar-se; também ali achou algumas moedas e *uma roca, toda de metal, e seu fuso do mesmo metal.*

Era pequeno dos 6 ou 7 anos mas lembra-se bem de ter visto a roca que era um pouco mais pequena que uma roca normal.

As grandes pedras que bordejam o terreiro do Castro do Brejo, assentes na terra ou em fraga, salientam do nível do terreiro apenas uns 20 a 40 cm, excepcionalmente um pouco mais, enquanto pela face de fora a média das alturas é mais ou menos de 1,30 a 1,50.

Embora a face externa tenha alturas de um pouco mais de 1 m as condições de defesa oferecidas por tais pedras afiguram-se-nos pouco eficientes, quer para a defesa do rebanho acoitado no terreiro quer mesmo do homem.



Fig. 20 — Troço da calçada de Arcos para Bobadela, ou calçada de Arcos para a Ribeira, com cerca de 100 m íntegros e largura de 2,7 a 3,0 m. Desemboca na entrada florestal cerca de 1 km antes da Bobadela.

Não se viram quaisquer arranjos de pedras que façam supor a existência de casas.

No entanto toparam-se à superfície fragmentos de cerâmica quase todos pequenos, restos de vasos, de vários tamanhos e o pedaço de tijoleira atrás referido.

Além disso há a informação de ali terem aparecido um machado de bronze de 2 anilhas ou biauricular, algumas moedas e a tal roca de metal.

Estes achados podem implicar a ideia de certo grau de permanência habitacional.

Mas pergunta-se:

Tão pequena altura das pedras que bordejam o terreiro por 3 dos seus lados constituiria defesa eficiente? A menos que entre as grandes pedras bordejantes do reduto, e acima delas, tenha havido muro, feito de pedras pequenas, formando uma espécie de muralha alta em continuidade do reforço prestado pelas grandes pedras que amparam o terreiro. Aliás não se viram pedras miúdas nem dentro nem fora do reduto, que façam plausível tal hipótese.

É mais um problema que as condições em que fomos encontrar aquele castrinho, e o pouco que dele se inquiriu fica em suspenso, como aliás tantos outros da notável cultura castreja.

Na ida de Boticas para o *Castro de Brejo* seguimos pela estrada florestal rasgada na base do Leiranco. A cerca de 1 km antes da Bobadela deparamos, à esquerda, com a *Calçada de Arcos para a Ribeira* (Fig. 20), caminho durante muitos anos seguido pela gente de Arcos para Bobadela.

Luís de Figueiredo da Guerra, que de 1906 a 1909 foi juiz em Boticas, na pág. 52 do seu livro *Notícias Históricas do concelho e Vila de Boticas*, Boticas, 1982, 71 págs., refere-se na pág. 52 à igreja paroquial de Bobadela e à capela de S. Lourenço, que data de 1747: a seguir escreve: «Num outeiro que se ergue ao poente aparecem vestígios de um antigo castro, cujas muralhas e fossos se conhecem e lhe dão o nome de *Cidadonha*». É outro castro do termo de Bobadela que contamos poder visitar numa segunda campanha de estudo dos 14 castros que não houve ensejo de estudar na primeira campanha de 9 a 18 de Maio deste ano de 1983.

CASTRO DE GESTOSA OU DO SOUTO DA LAMA

Gestosa é uma das povoações da freguesia do Couto Dornelas (1) e fica a 20 km da sede do concelho.

Ali existe um velho castelo dos mouros a que o povo chama *Castro de Lamas* ou *do Souto de Lamas*, e fica a uns 200 m das primeiras casas da aldeia ou lugar de Gestosa, ao que chamaram a *cidade de Sarapitales*.

O monte em cujo topo assenta o Castro de Gestosa, ou *Castro do Souto de Lamas* (2) fica ao lado da estrada 311, agora

(1) A freguesia do Couto Dornelas, ou só Dornelas, compreende as 7 seguintes povoações ou lugares: Antigo, Casal, Espertina, Gestosa, Lousas, Vila Grande e Vila Pequena. A sede de freguesia é na Vila Grande.

(2) Foi nosso gentil informador o Sr. António José Pires, Morgado de Gestosa, que nos disse ser aquele monte chamado pelo povo do lugar *Castro de Lamas* ou *do Souto de Lamas*.

Não se julgue que esta *Lamas* indica um terreno alagado e lamacento.

Lama ou *Lamas* é nome que aparece em muitas regiões do norte do nosso país tais como: *Lamas de Homem*; campina onde nascem muitas águas e, todas juntas, dão princípio ao rio Homem; *Lamas de Olo*, freguesia do concelho de Mondim de Basto; *Lamas de Orelhão* povoação do concelho de Mirandela; *Lamas de Podence*, freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros; *Lamalonga (Lama Longa)*, lugar da freguesia da Torre de D. Chama, concelho de Mirandela.

Este nome de *Lama* ou *Lamas* é topónimo frequente em muitas regiões sobretudo no norte e centro do nosso país.

Sobre este nome um de nós (S. J.) fez várias considerações no trabalho *Sobre dois topónimos (Lamas e Sangemil)*, publicado no «Boletim do Douro Litoral», II série (suplemento ao n.º 2), Porto, 1945, 5 págs.

No Arquivo Histórico Colonial, na Junqueira, Lisboa na caixa de Reino — *Documentos diversos em organização, anos de 1750-1758*, encontrei (S. J.), o documento «Exposição feita pelo Juiz de Fora de Montalegre», Miguel Pereira de Barros, com data de 15 de Setembro de 1786, sobre os inconvenientes da repartição do campo existente nos subúrbios da cidade de Bragança e «dos Baldios pertencentes aos lugares de Seara Velha

ali em construção e dela distante cerca de 300 m. A subida faz-se por um carreiro um tanto íngreme mas fácil de percorrer. Vai indicado na Fig. 1 com o número 20.

O castro é defendido por 3 linhas de muralhas.

O topo do monte tem um terreiro, que não nos foi possível medir pela chuvada que se desencadeou e persistiu obrigando-nos a descer do monte, antes de podermos completar a prospecção.

e Ardaons» que fizera o Juíz de Fora de Chaves, a determinadas «pessoas da sua contemplação».

Pela transcrição que segue fica-se a saber o que era uma *Lama*.

«Na generalidade da Província de Trás-os-Montes, todos aqueles Campos de Commum, a que vulgarmente chamão Lamas se não devem reduzir a cultura porque eles continuamente produzem erva, que interessa muito os Lavradores, os quaes lançando para estes Campos, ou Lamas, os seus gados, escuzão de ocupar as terras de pão, com pastos artificiais, ou de deixar algumas por cultivar para que lhes produzão os pastos naturaes, de que precizão».

Noutra passagem referida especialmente aos baldios da Seara-Velha e Ardaons, do termo de Chaves lê-se: que haviam sido adjudicados «sem maior reflexão, a hum Clerigo Beneficiado, e pessoas da sua contemplação e a hum escrivão», «pessoas estas odiosas àqueles povos», o que deu origem a contendas perturbadoras da paz e do socego daquelas aldeias transmontanas». No mesmo documento é esclarecido o regime de exploração agrícola destes baldios, *campos de comum ou lamas*, pois ali se lê: «Estes mesmos povos tinham por costume antiquíssimo cultivarem de commum acordo os d.^{os} Baldios de dois em dois annos: No anno de cultura punhão em depozito a produção, e deste depozito se valião p.^a a despeza de fintas de Pontes, Fontes e Calçadas e Engeitados: e no anno que não cultivavão os d.^{os} Baldios se utilizavão da erva que eles produzião p.^a o sustento dos seus gados; Estando logo neste bom costume, parece que não foi acertado o arbitrio de o alterar em utilidade do escrivão e do Beneficiado, que, sem interesse do Publico, estão prejudicando os mesmos Povos, e sendo occazião proxima do odio, e da inveja, que tem produzido demandas e delictos».

Em face do que nos diz a exposição feita em Setembro de 1758 pelo referido Juiz de Fora de Montalegre, as *lamas* eram, baldios ou *campos de comum*, que forneciam pasto ao gado dos lavradores da região.

Podiam ser agricultados em trabalho comunitário e com o produto da colheita se pagavam «fintas de Pontes, Fontes, Calçadas e Engeitados».

O Sr. António José Pires, Morgado da Gestosa, que, como caçador, muitas vezes tem percorrido o castro em todos os sentidos, informou que o terreiro deve ter uns 50 m de comprimento no alinhamento N S por uns 30 na linha E W, e que está rodeado de muralha. Disse mais: que no meio do terreiro há um penedo com um gravado a que chamam o *penedo da certã*.

A muralha que defende o topo sul segue-se uma rampa que termina em dois fossos justapostos, isto é separados por um combro de uns 5 m de largura. Cada um daqueles fossos tem de boca 9 a 10 m e de fundura 2,5 a 3 m.

No fundo do 1.º fosso cresceu um velho castanheiro de grosso tronco já carcomido e queimado.

Os dois fossos rodavam para cima e estendiam-se ao longo da encosta nascente do castro, originando um grande fosso.

O topo norte do terreiro é marcado por um montão de fragas.

A ladeira da face poente, abaixo da muralha do terreiro, é toda semeada de fragas até um pequeno patamar amparado pela 2.ª muralha.

Desta 2.ª muralha existe o seu alinhamento de 80 m ao longo da ladeira poente, que desanda para N. e vai terminar num conjunto de fragas de granito, natural linha defensiva.

Sensivelmente a meio desta 2.ª muralha, viu-se um troço de 3 m sem muralha que talvez possamos considerar como possível porta.

Entre 20 a 30 m abaixo da muralha anterior, corre a 3.ª muralha, que se estende num comprimento de pelo menos 100 m, com altura em média de 2 m.

Esta 3.ª muralha também está rota numa abertura de uns 2 a 2,5 m uns 18 a 20 m adiante da rasgão da 2.ª muralha que consideramos como possível porta.

Na base do monte do castro corre todo o ano o Ribeiro de Gestosa.

Um pouco abaixo dos 2 fossos no alinhamento N S do terreiro, há uma boa fonte, que nunca seca no verão, de cuja água, como da da Ribeira, se podiam bastar os castrejos. A fonte é famosa e chamada *Fonte do Salgueiro*.

Encontrou-se um pequeno pedaço de cerâmica negra, micácea e com algumas areias, com $2,7 \times 2,3$ cm; e espessura de 0,7 cm. É porção de um bordo levemente revirado.

Informou o Sr. Morgado de Gestosa que no castro foi encontrada uma «pedra com letras» que foi levada para o Porto, sem especificar quem a levou nem para onde a teriam levado.

Há várias lendas referentes a este castro. Corre que muitas vezes se viu uma moura com um cântaro à cabeça e ir buscar água à ribeira, mas que, à aproximação das pessoas, prontamente se escapava.

Diz-se que as raparigas que iam pastar com o gado para o monte do castro e que, por norma, levavam a roca para irem fiando lá, viram algumas vezes a moura, a qual lhes gritava.

«Fia bicho barbudo; muito fias e nunca enches o fuso».

Corre que no castro está escondido um tesouro, que é a ferramenta dum ferrador toda em ouro.

Também se diz que há lá uma mina que vai do castro ao ribeiro.

O Dr. Luiz de Figueiredo da Gama, que nasceu em Viana do Castelo em 1853, e foi juiz na comarca de Boticas de 1905 a 1908 era um homem de vasta cultura.

Em *Portugal. Dicionário Histórico, Geográfico, Numismático, Artístico, Biográfico, Bibliográfico e Heráldico*, por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, Lisboa, 1903, publica-se na pág. 861 a bibliografia deste erudito jurisconsulto, que, para o jornal *Ecos de Boticas*, que se publicou entre 1917 e 1920, escreveu uma série de artigos, sobre a história e a arqueologia do concelho de Boticas.

A Câmara Municipal de Boticas editou o livro *Notícias Históricas do Concelho e Vila de Boticas* (Recolha, organização e notas de José Pacheco Pereira), Boticas, 1982, 71 págs., em que se publicaram alguns «textos esquecidos e ignorados» do juiz Luiz de Figueiredo da Gama.

No livro editado pela Câmara vêm publicadas referências ao Castro de Lezenho, suas 4 estátuas de guerreiros lusitanos, ao castro de Malhó, em Ardãos, ao castro da Cidadonha de Bobadela e ao castro de Gestosa.

A referência a este último castro, que a seguir se transcreve, vem publicada nas págs. 50 e 51 do citado livro, «Na freguesia de Dornellas, ou lugar da Giestosa, há um pequeno monte, redondo, chamado do *Castro*, que foi outrora, como o Lezenho, munido com três ordens de muralhas; a primeira cêrca ficava na coroa do outeiro; a segunda uns vinte metros abaixo, e a terceira fechava-o em volta na fralda. O seu maior comprimento, de norte a sul, regulava por cincoenta metros, e de nascente a poente vinte e cinco; hoje estão completamente arruinadas, mas em 1758 conheciam-se perfeitamente os alicerces, achando-se então de pé alguns lanços de muros, com uma porta para serviço da condução da água do ribeiro que corre no fundo do vale.

«Este monte, descortinado da parte do poente, tem pelo nascente o monte do Pinheiro, que o cobre e defende por este lado; mas aquele do castro é fragoso e coberto de penedos, não se encontrando vestígios de casas e, se as há, estão encobertas pelas densas urzes que tornam impossível qualquer exploração. Quer Louzada que aqui fosse o *couto da cidade de Gestosa*».

CASTRO DAS ERVAS RUIVAS

O Castro das Ervas Ruivas fica a cerca de quilómetro e meio da povoação de Lousas, lugar, ou pequena aldeia, da freguesia de Dornellas, que fica a 8 km da Vila Grande (Dor-

nelas) e a 26 km de Boticas, sede do concelho. Vai indicado na Fig. 1 com o número 21.

O castro de Lousas assenta num monte situado no fundo do vale, rodeado pelo nascente sul e poente pelo Ribeiro de Lousas, que pouco falta para o abraçar totalmente.

O monte está ligado à serra fronteira, pelo norte, por uma espécie de istmo que dá acesso ao castro a que o povo de Lousas chama o *Castro das Ervas Ruivas*.

Na tarde do dia 13 de Maio de 1983 seguimos de jeep da Vila Grande (Dornellas) para ir ao castro de Lousas.

Chegamos pela estrada florestal, aberta pelo nascente na encosta em frente ao castro, ao ponto que lhe fica sobranceiro.

Quando os companheiros senhores António Barroso (do Couto), António José Pires (Morgado da Gestosa), Avelino Miranda e meu filho Norberto Santos, já descidos do jeep, se preparavam para descer a encosta até ao castro, começou a chover com tal intensidade e persistência que obrigou a desistir do intento.

Já que ali estávamos descemos à povoação ou lugar de Lousas para colher informes sobre o castro.

O castro é, como dissemos, designado pela gente de Lousas *Castro das Ervas Ruivas*.

Não conseguimos averiguar a razão deste nome.

É fácil o acesso feito a partir do povoado de Lousas por um estreito carreiro, rota habitual dos pastores quando levam suas ovelhas e cabras a pastar no castro.

O Sr. Manuel Barroso Passos, de 55 anos de idade, residente em Lousas, contou-nos que aos 12 anos foi muitas vezes pastar as cabras ao *Castro das Ervas Ruivas*. Disse que tem muralha do lado norte e do lado poente com uns 50 m de comprimento, em alguns sítios ainda com 2 m de altura, mas na sua maioria parte «alagada».

O mesmo informador diz que corre no povo existir no castro enterradas duas caldeiras, uma com cheiro mau, e outra logo a seguir cheia de ouro.

Aquele que, na escavação à procura do tesouro, der com a caldeira que cheira mal, se aguentar com tão mau cheiro e proseguir na busca, encontrará logo adiante a caldeira cheia de ouro.

A uma pastora que levou as vacas a pastar ao castro apareceu uma preta.

Tal preta entenda-se não como uma indígena africana mas como uma moura, tão morena e tão tostada pelo sol, com a pele tão escura que parecia preta.

A preta pediu-lhe um panelo de leite.

A pastora aprontou-se a satisfazer-lhe o pedido e a ir a casa buscar o panelo.

Entretanto a preta recomendou-lhe que nada dissesse a ninguém.

Mas ela falou, contou o encontro com a preta e o pedido que esta lhe fez.

Quando lá voltou com o panelo já não viu a preta.

CONCLUSÕES

Dos 10 castros de que se fez estudo sumário, cada um deles apresenta um conjunto de características que os particularizam.

Aparte o Castro de Carvalhelhos, trabalhado em 31 anos consecutivos de escavações, dos restantes aquele que se nos afigura de maior interesse para um plano de escavações sistemático é o do *Cabêço*.

Pela sua situação, a escassos 300 m da estrada que vai de Sapiãos para o Alto do Fontão, pela relativa facilidade de acesso, pelo relativo estado de boa conservação, pelo número estimado de casas que devem existir no reduto cimeiro, pelo lajeado das casas, que vimos pelo menos em três circula-

res, pela razoável conservação de alguns troços de muralhas, bem merece ser cuidadosamente estudado.

Conviria que fosse considerado imóvel de interesse público, procurando-se desde já evitar a intrusão na área do castro de loucos pesquisadores de tesouros, ou de arqueólogos amadores.

Convinha que com o atributo de imóvel de interesse público lhe ficasse adestrada uma zona de protecção numa faixa de 100 a 150 m à roda do castro a contar da última muralha.

Abatidos os muitos pinheiros que revestem totalmente o *Cabeço* e queimado o mato com o concurso e vigilância dos bombeiros, ficava o castro em condições de se abrir ao longo do reduto cimeiro no alinhamento N. S. uma vala exploradora que, é de crer, ia topar com algumas casas circulares e até possíveis arruamentos. A terra e pedras miudas que aparecerem serão incorporadas no refazimento da muralha com pedras dela derruidas.

A crivagem da terra e o estudo casa a casa do conteúdo de cada uma é de crer que venham a fornecer materiais arqueológicos que viriam enriquecer o projectado Museu Municipal de Boticas,

À Universidade do Minho, que já em 1982 escavou uma grande casa da vertente sul do *Cabeço*, é de crer lhe seja grato tomar a seu cargo a realização da referida tarefa, na qual poderiam compartilhar sobretudo estudantes da área do concelho.

O castro de Sapelos pelas suas dimensões e, sobretudo, pelo complexo defensivo dos seus fossos com a estranha malha de largos regueirões no topo sul, de bocas com 20 m e mais, bem merece uma mais cuidada prospecção e até escavação parcelar que, pela cerâmica da Fig. 16 lá achada, desperta possíveis boas perspectivas.

Na distribuição dos castros pela área do concelho nota-se a sua concentração na chamada *Ribeira*, margens do rio Terva, o que se justifica pela proximidade da área e também pela

natureza das margens daquele rio que deviam oferecer aos castrejos muito boas condições para pastoreio dos seus rebanhos e, quiçá, das suas culturas que, como se disse, devem ter sido especialmente de cereais, milho painço, trigo e centeio, e ainda da fava, a chamada fava equina, porque sementes encarbonizadas destas plantas têm sido encontradas em vários castros do norte de Portugal.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
16 de Junho de 1983